

ALFABETIZAÇÃO

MONOGRAFIA: apresentada como exigên-
cia para aprovação no Curso de Siste-
mática do Trabalho Individual e em
Grupo. - STIG.

EP-120

1655

Vanessa Mezher Pedroso

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA

ÍNDICE

	P.
1. INTRODUÇÃO.....	01
2. CONCEITO.....	01
3. MÉTODO GLOBAL X MÉTODO TRADICIONAL.....	02
4. PROBLEMAS DA ALFABETIZAÇÃO.....	04
4.1. ANALFABETISMO	
4.1.1. CAUSAS	
4.2. FRACASSO ESCOLAR	
4.2.1. EXPLICAÇÕES TRADICIONAIS	
4.2.2. VERDADEIRAS CAUSAS	
5. NOVAS ALTERNATIVAS EM ALFABETIZAÇÃO.....	10
5.1. PROLESTE	
5.1.1 CARACTERÍSTICAS DO PROGRAMA	
5.2. A CONTRIBUIÇÃO DE EMÍLIA FERREIRO	
6. CONCLUSÃO.....	17
NOTAS.....	18
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	19
BIBLIOGRAFIA GERAL.....	21

1. INTRODUÇÃO

Nesse trabalho, darei um enfoque principal ^{AOS} ~~nos~~ problemas e ^{as} ~~nas~~ contribuições da alfabetização. Não ficarei abordando com detalhe os métodos, nem as práticas alfabetizadoras.

Interesse-me muito pela alfabetização, e gostaria de aprofundar-me nesse assunto.

O que mais me "choca" é o problema do analfabetismo. ^{Quadro} ~~Quadro~~, que, como veremos, aumenta a cada dia, ^{sendo} ~~é~~ ^{também,} ~~trata-se de~~ uma realidade brasileira muito triste.

2. CONCEITO

No sentido estrito, derivado da etimologia da palavra, alfabetização é ^a aquisição de alfabeto. É o processo de aquisição das habilidades de leitura e escrita.

No censo demográfico de 1980 (IBGE, 1980), alfabetizada é toda pessoa capaz de ler e escrever pelo menos um bilhete simples; e analfabeta é toda pessoa que não seja capaz de fazê-lo.

Sônia Kramer, comentando tal conceito, diz que "saber ler e escrever significa dispor de veículo fundamental de acesso aos conhecimentos da língua nacional, de Matemática, das Ciências, da história, da geografia, e significa, ainda, possuir o instrumento de expressão e compreensão da realidade física e social". (1)

No que se refere a aquisição da língua oral e escrita, surgem, segundo Sônia Kramer (86), duas correntes:

- uma, que considera a alfabetização como aquisição dos mecanismos básicos da leitura e escrita.

- outra, que concebe a alfabetização como um processo de compreensão e expressão de significados.

É preciso garantir a aquisição de mecanismos básicos para depois concentrar o significado, propõe a primeira corrente; só a partir da realização de atividades significativas é que se devem fixar as convenções e mecanizá-las, adverte a segunda". (2)

Este é o dilema que se coloca. Perante esse dilema, surgem os métodos de alfabetização; ora baseados na primeira corrente, ora na segunda corrente.

3. MÉTODO TRADICIONAL X MÉTODO GLOBAL

3.1. Métodos Tradicionais

Surgiu por volta de 1880, juntamente com o aparecimento da primeira cartilha. } ?

Ensina-se partindo de letras (ou sons) para a criança formar sílabas e, só mais tarde, formar palavras que possuem a função de fixar as letras estudadas. Assim, parte de um elemento para o todo. É baseado na memorização de letras, sem saber o significado da palavra formada através delas. Assim, como observa Iselda Terezinha S. F., "a criança aprende somente a decifrar as palavras e não

o seu sentido". (3) Logo, a criança não aprendeu a ler. Sua aprendizagem fica reduzida à decifração.

Tal método, pelo que se observa, está longe de atender às necessidades da criança, pois não respeita a sua individualidade e nem a sua criatividade. A criança já possui rumos pré-estabelecidos a seguir.

Iselda Terezinha S. F. , comentando tal método , observa que este "barra a criatividade da criança, pois se não der a resposta esperada pelo professor é sempre ela o problema, e nunca a metodologia". (4)

3.2. Métodos Globais:

Em 1787, Nicolas Adams dizia: A alfabetização ou o ensino da leitura deve partir do todo, para posteriormente passar para a decomposição. (5)

O processo do ensino da leitura deveria partir de uma palavra que a criança conhecesse, pois para esta conhecer e compreender alguma coisa, precisa sintetizar, conhecer esta coisa em sua totalidade. Assim, parte do todo para o elemento e depois volta para o todo.

Em 1818, Jacot amplia a idéia de "globalização" . A alfabetização deve partir de uma frase, onde é analisada junto à criança os elementos destacando o mais importante , passando ^{da} análise para a síntese.

No Método Global, é necessário que a criança conheça tudo do que for usar na sua totalidade. Nesse método, a alfabetização parte da frase, pois ela dá o verdadeiro senti

do da idéia.

Nesse método, o conhecimento se dá através de partes distintas:

- sincretismo: visão geral e confusa do todo.
- análise: visão distinta e analítica das partes.
- síntese: recomposição sintética do todo, com o conhecimento que se tem das partes.

Claparède, Ernest Renan, Decroly, Montessori, Piaget, ^{as crianças} ~~Walon, Freinet,~~ ^{no} foram ~~contribuintes para o~~ aprofundamento e enriquecimento dos métodos globais. } ?

É de extrema importância o comentário que Emília Ferreiro tem sobre os métodos. Para finalizar o comentário destes, Emília diz: "As discussões sobre a prática alfabetizadora têm se centrado na polêmica sobre os métodos utilizados; métodos analíticos versus métodos sintéticos; fonéticos versus global, etc. Nenhuma dessas discussões levou em conta as concepções das crianças sobre o sistema de escrita". (6)

4. PROBLEMAS DA ALFABETIZAÇÃO

4.1. ANALFABETISMO

Consiste em um quadro ^{muito triste} da realidade atual do país ~~muito triste~~, onde pode-se observar, por dados estatísticos, que o número de analfabetos é muito grande, e que abrange as crianças ou adultos provenientes da classe mais pobre da população.

Os dados estatísticos, realizados por pesquisas feitas pelo IBGE ou pela PNAD, mostram o número de analfabetos. Mas, o mais importante, é que revelam que o analfabetismo está aumentando, em porcentagens bem altas, de um ano para outro.

4.1.1. CAUSAS

Entre as principais causas de analfabetismo infantil, ao lado do atendimento escolar insuficiente, especialmente nas regiões rurais, estão o baixo padrão de nutrição e de renda das famílias pobres que, muitas vezes, levam seus filhos para algum tipo de trabalho no campo ou na cidade. Assim, os censos agropecuários, ^{por exemplo,} indicam uma grande incidência de mão-de-obra infantil na agricultura brasileira.

Sei de um caso, onde a mãe tem dois filhos (entre cinco e dez anos), e que precisava mudar para uma região no nordeste, onde não tem escolas por perto. Aqui, encontramos duas soluções: ou a mãe vai trabalhar para sustentar seus filhos, e estes ficam sem estudar; ou fica em São Paulo, perto da escola, passando necessidades e fome.

Alceu Ferrari, comentando tal respeito, diz que o analfabetismo está longe de ser uma herança do passado. Ao contrário, ele continua sendo produzido a cada novo ano, para não dizer a cada novo dia.

↳ Maria Salete Van de Poel enfatiza: "O analfabetismo está longe de ter uma solução adequada. Uma expansão da educação inconsiderada e desequilibrada pode, inclusive, frear o desenvolvimento da sociedade e provocar a injustiça

social. É o caso da expansão educacional brasileira. Pois, quanto mais se realiza o desenvolvimento e a expansão de nosso sistema educacional, mais se nota a permanência de uma grande margem da população marginalizada não só do próprio sistema educacional, como ainda do sistema de produção e afastada, dos setores modernos da economia". (7)

Alceu Ferrari diz que é preciso entender o processo de "produção no analfabetismo", para depois tentar resolver os seus problemas.

É preciso destacar duas questões:

- ainda não conseguimos sequer estancar o crescimento absoluto do número de analfabetos.

- a sociedade não está sendo capaz de alfabetizar todos os membros de cada nova geração.

4.2. FRACASSO ESCOLAR

Na identificação e discussão dos principais fatores responsáveis pelo fracasso escolar, no que se refere às primeiras séries do primeiro grau, pode-se considerar, segundo propõe Sérgio Leite, as seguintes explicações:

4.2.1. Explicações Tradicionais:

Segundo tal concepção, a culpa do fracasso escolar é do aluno.

Em levantamento realizado por Sérgio A. Leite, (8) com o objetivo de verificar como os professores da escola pública explicam os altos índices de reprovação na primei-

ra série, as categorias mais frequentes de respostas, em ordem decrescente foram: QI baixo, subnutrição, imaturidade e problemas emocionais.

a) QI baixo

Conforme explicação de Sérgio Leite, não há consenso sobre o conceito de inteligência: - trata-se de capacidade global do indivíduo ou há diferentes tipos de inteligência?

Ora, a inteligência tem sido avaliada por testes e o desempenho neles depende da oportunidade de desenvolver anteriormente essas habilidades ou não. O que não se pode fazer é caracterizar nível de inteligência desvinculado da consideração dos estímulos ambientais que o indivíduo possa sofrer, como se a inteligência tivesse caráter fixo.

b) Subnutrição

Segundo especialistas, "os efeitos orgânicos da desnutrição vão depender da época de sua incidência e do seu grau de intensidade". É assim que se torna um problema muito mais sério nas crianças de até dois anos.

"Na idade escolar, não se pode confundir subnutrição com carência alimentar, quadro este caracterizado pela dieta alimentar pobre que enfraquece o indivíduo. Porém, submetidas a dieta mais rica, essas crianças readquirem plena capacidade de aprender". (9)

c) Imaturidade

Como diz Sérgio Leite, maturidade é entendida como alguma coisa que acontece de dentro para fora do indivi-

due e que depende, portanto, basicamente da passagem de tempo, como se fosse uma fruta. Assim, não há muito o que se fazer, além de esperar..." (19) 9

Portanto, a variável tempo é a chave. E a influência das experiências por que a criança passa em sua história não é levada em conta em tais explicações de desempenho de aluno.

Essas são as explicações tradicionais de fracasso escolar, todas elas colocando a culpa no aluno. Tais concepções, fruto da sociedade capitalista e fruto também da ausência de uma consciência crítica dos problemas educacionais, não focalizam devidamente o papel da história de vida, da ação pedagógica escolar e da realidade sócio-político-econômica de nosso país, gerada pelo capitalismo, como causas de fracasso escolar.

4.2.2. Verdadeiras causas de fracasso escolar

Sérgio Leite, comentando as verdadeiras causas de fracasso escolar, pelos fatores extra-escolares, diz que estes abordam as relações de trabalho e da pobreza, e todas as suas consequências. Os fatores da realidade sócio-econômica, ^{is} a qual ^{quais} está submetida a maioria da população brasileira, geram o fracasso escolar, pois criam empecilhos concretos que irão impossibilitar que uma criança pobre tenha uma vida escolar ^{pica} ~~pobre~~.) ?

A escola brasileira seleciona e exclui os mais pobres. A maioria das crianças que abandonam os estudos antes

de completar oito anos de escolaridade obrigatória, vem de famílias pobres, do meio rural e dos bairros populosos das periferias das grandes cidades.

Observe uma contradição, ^o ~~na qual~~ a escola pública é gratuita, mas existem as taxas extras, o material escolar cada vez mais caro, a condução caríssima, o uniforme obrigatório, que acabam tornando o gasto com a escola muito grande para o que o trabalhador ^{POSSA} ~~pode~~ gastar.

Os fatores intra-escolares, são representados pelo próprio sistema escolar, seus currículos, programas, recursos humanos e materiais, práticas desenvolvidas, organização interna da escola.

Sérgio Leite, comentando tais fatores, diz que teoricamente, os educadores podem ter uma ação mais direta sobre ele. (10)

Se não existir condições de ensino, por exemplo, para um professor ensinar (pesquisas, salário digno, material didático), é lógico que ^{isso} afetará a aprendizagem do aluno. E a maioria das escolas públicas possuem essas condições precárias no próprio sistema escolar. E como se trata de escola pública, o governo é o culpado.

Ana Maria Poppovic, completando tal idéia diz : "num país onde as verbas destinadas à educação são comprovadamente insuficientes, o governo paga quase três vezes a mais por aquilo que a sociedade não vai receber, uma vez que os repetentes derrotados, são os que formam as fileiras dos evadidos, daqueles que abandonam a escola precocemente".

5. NOVAS ALTERNATIVAS EM ALFABETIZAÇÃO

5.1. PROLESTE

Há poucos projetos sobre alfabetização realizados na escola pública. Entre eles, destaca-se o PROLESTE (Projeto de Alfabetização da Zona Leste), que vem se desenvolvendo em escolas públicas da região de Mogi das Cruzes, Estado de São Paulo. Foi implantado e desenvolvido por educadores da rede de ensino público e psicólogos da Universidade de Mogi das Cruzes, com coordenação de Sérgio Antônio da Silva Leite.

O ponto básico do PROLESTE é a idéia de Projeto. O Projeto se caracteriza por dois grupos de condições básicas:

- Existência de programa em torno dos quais o trabalho é planejado, isto é, diretrizes básicas para o seu desenvolvimento. Como explica Sérgio Leite (85) :

"Inicia-se a partir do repertório de entradas da população, o que implica no seu conhecimento inicial através de uma avaliação; objetivos terminais claramente definidos bem como avaliação de sua relevância para a população ; levantamento dos conteúdos a serem desenvolvidos através de minuciosa análise dos objetivos terminais; divisão dos conteúdos em pequenas unidades, onde cada uma apresenta uma pequena quantidade de estímulos novos em relação à anterior , e que cuja sequência seja disposta a partir dos conteúdos mais simples em direção aos mais complexos, escolha de um

procedimento de aplicação caracterizado por atividades coerentes com os objetivos de cada unidade; e, procedimento de avaliação constante com critérios mínimos definidos em cada unidade, sendo que o aluno somente progredirá para a próxima unidade após atingir plenamente os critérios da "anterior". (12)

- Existência de condições para implantação, tais como, recursos materiais, que para nossa realidade devem ser simples e econômicos, e recursos humanos, preparados por treinamento inicial e contínua reflexão sobre sua ação.

5.1.1. Características do Programa

1º Caráter cumulativo: conteúdos divididos em pequenas unidades ou passos, sendo que cada uma delas deve apresentar apenas uma família silábica ou tipo de dificuldade; tais unidades devem estar dispostas numa ordem crescente de dificuldades.

Nesta programa existem 3 fases:

Fase 1: a criança deve ler e escrever frases formadas com sílabas simples.

Fase 2: trabalho com casos mais complexos, exceto homofonias e de H no início da palavra.

Fase 3: incluem-se as homofonias e o H inicial.

A sequência cumulativa é respeitada em todas as fases. É assim, que, a cada passo, apresenta-se só uma nova família silábica ou tipo de dificuldade, combinada com os conteúdos já conhecidos.

São usadas palavras-chave, palavras geradoras, da sua importância motivacional; são extraídas do próprio repertório do aluno, cuidando-se para que as palavras escolhidas apresentem como novidades apenas as sílabas ou o tipo de dificuldade do passo.

2º Respeito ao ritmo de aprendizagem, ou seja, ao tempo necessário para uma criança aprender um determinado conteúdo. Logo após o período preparatório, as classes são reorganizadas, agrupando-se os alunos em função do ritmo e do repertório de comportamentos pré-requisitos básicos, utilizando para isso o IAR (Instrumento de Avaliação do Repertório), que auxilia os professores na reorganização das classes. Tal medida visa diminuir o número de sub-grupos em sala de aula, facilitando o trabalho e evitando a marginalização de alunos.

3º Avaliação constante: são estabelecidos critérios mínimos para o desempenho do aluno, os quais devem plenamente atingidos, a cada passo. A avaliação é feita ao final de cada passo, através de ditado, contendo os conteúdos do passo e dos anteriores. O aluno deve conseguir 100% de acerto. Esse é o critério mínimo de desempenho estabelecido.

4º ~~Feed-back~~ constante: todas as atividades executadas pelos alunos são imediatamente seguidas de correção e elogio por parte do professor.

O aluno não é punido ou ridicularizado pelos erros que comete. Os professores são orientados no sentido de valorizar o aluno.

5º Procedimento básico; para o professor desenvolver os conteúdos de cada passo. Apresenta três etapas básicas:

1ª etapa: apresentação de estímulos novos (treino de discriminação), seja através de sílabas ou de palavras-chave, garantindo que os alunos verbalizem primeiro o som, e depois treinem a forma, escrevendo. Posteriormente, apresentação da família silábica.

2ª etapa: fixação das novas respostas (treino de generalização).

As atividades de fixação devem fortalecer a capacidade de análise e síntese, através da leitura e da escrita; são iniciadas, naturalmente, com palavras, depois com orações, de forma verbal e escrita.

3ª etapa: avaliação (critérios de desempenho)

Quando o professor observa que as crianças atingiram os objetivos da fixação, é utilizada a avaliação, através do ditado de palavras ou orações, conforme, a fase.

Os resultados observados nas escolas onde o Projeto foi aplicado demonstram índices de aprovação de 25 a 30% superiores aos índices das demais escolas, é o que comenta Sérgio Leite.

5.2. A CONTRIBUIÇÃO DE EMÍLIA FERREIRO

Inspirada em Piaget, Emília Ferreiro dedicou-se à pesquisa da aprendizagem da escrita pela criança. Sua teoria é psicogenética.

Parte da hipótese de que todos os conhecimentos supõem uma gênese.

^{As} Nas suas investigações sobre a psicogênese da língua escrita na criança, evidenciam que o processo de alfabetização nada tem de mecânico, do ponto de vista da criança que aprende.

A criança constrói sistemas interpretativos, pensa, raciocina e inventa, buscando compreender esse objeto social complexo que é a escrita, tal como ela existe em sociedade.

Quanto à questão da "prontidão para a alfabetização", Emília Ferreiro possui comentários muito importantes.

Diz que a prontidão para a leitura e a escrita depende muito mais das ocasiões sociais de estar em contato com a língua escrita do que qualquer outro fator. Assim, é contra a concepção tradicional que diz ser o tempo a chave do processo de aprendizagem; e que é preciso deixar o tempo passar, até que ^{a criança} amadureça. Ao contrário, diz que as crianças aprendem porque elaboram o que recebem cognitivamente com o meio que lhes oferece. Mas, para que esse trabalho cognitivo possa ter lugar, é preciso que o meio ofereça as oportunidades necessárias. Não é, pois, o meio em si que produz a aprendizagem, e sim, o que o sujeito (criança) é capaz de realizar através do contato com o meio.

Para fazer uma comparação, Piaget diz que o desenvolvimento cognitivo se concretizará pela ação do indivíduo sobre o objeto e este sobre o indivíduo, pois, para ele é

necessário que a criança passe por uma série de etapas independentes e sequenciais, que serão pré-estruturas necessárias para as etapas posteriores. Assim, não adianta o meio estimular ações, se não houver existido estruturas básicas para responder à necessidade estimulada.

Resumindo, é de extrema importância, para a aprendizagem, as experiências de aprendizagem anteriores, feitas através da interação do indivíduo com o meio ambiente.

Sérgio Leite, comentando tal respeito, diz que "os chamados pré-requisitos para a alfabetização não surgem como num passe de mágica; ao contrário, dependem das experiências de aprendizagem anteriores, surgidas em função da interação do indivíduo com o meio ambiente". (14)

No início, toda criança supõe que a escrita é uma outra forma de desenhar as coisas. Ela ainda não compreende que a escrita representa a fala, e sem das palavras e não o objeto a que o nome se refere. A criança começa, depois, a se dar conta das características formais da escrita e constrói, então, duas hipóteses que vão acompanhá-la durante o processo de alfabetização.

a) de que é preciso um número mínimo de letras entre 2 e 4, para que esteja escrita alguma coisa.

b) de que é preciso um mínimo de variedade de caracteres para que uma série de letras sirva para ler.

Tais hipóteses começam a ser formuladas no nível pré-silábico.

Posteriormente, a criança dá um salto quantitativo

vo e formula a hipótese silábica quando descobre que a escrita representa a fala. O que caracteriza a hipótese silábica, é que cada letra representa uma sílaba.

A criança passa posteriormente por uma fase silábica-alfabética, e finalmente à alfabética.

Nessa proposta, é importante que o professor saiba identificar a hipótese com que a criança está trabalhando. É assim que, no período silábico, por exemplo, a criança quer ver quantas partes da escrita pode interpretar e ao mesmo tempo se prepara o momento seguinte.

O professor deve se convencer de que há evolução e que se pode descobrir os indicadores dessa evolução. A criança, nessa evolução, renuncia às hipóteses anteriores, e já aprendido, e testa novas hipóteses. Há momentos de gestação, evolução, rupturas, em cada nível; nenhum deles é algo acabado.

Nessa concepção, o conceito de prontidão perdeu o seu sentido, porque está baseado na idéia de que sabemos o ponto em que a criança está "pronta" para aprender a ler e a escrever.

Assim, podemos observar que Emília Ferreiro possui uma proposta revolucionária. É a própria Emília Ferreiro quem afirma; "Em alguns momentos da história faz falta uma revolução conceitual. Acreditamos ter chegado o momento de fazê-lo a respeito da alfabetização". (14)

Enfatiza Emília Ferreiro: "Um método novo não resolve os problemas. É preciso reanalisar as práticas de in-

tradição da língua escrita, tratando de ver os pressupostos subjacentes a elas, e até que ponto funcionam como filtros de transformação seletiva e deformante de qualquer proposta inovadora". (15)

CONCLUSÃO

Gostei muito de ter feito esse trabalho, e ficou, ainda mais forte para mim, a idéia de que o amor à profissão de educador é muito importante; mas, além dele, é preciso a disposição de enfrentar a realidade atual da educação. Caso contrário, seremos meros reprodutores do Sistema Capitalista e das Instituições.

NOTAS

1. Sônia Kramer. Alfabetização: Dilemas da prática. p. 15.
2. id. ib. (1), p. 18.
3. Iselda Terezinha S. F. Alfabetização: Um desafio novo para um novo tempo. p. 33.
4. id. ib. (3), p. 35.
5. id. ib. (4), p. 35.
6. Emília Ferreiro. Reflexões sobre alfabetização. p. 29.
7. Maria Salete Van de Poel. Alfabetização de adultos - Sistema Paulo Freire: Estudo de um caso num presídio. p. _____ ?
8. Sérgio A. S. Leite. Alfabetização e Fracasso escolar. p.16
9. Sérgio A. S. Leite. Alfabetização: Uma proposta para a escola pública. p. 27.
10. id. ib. (8), p. 22.
11. Ana Maria Popovic. Enfrentando o fracasso escolar. p. 17.
12. id. ib. (9), p. 30.
13. Sérgio A. S. Leite. Preparando para a alfabetização. p. 24.
14. id. ib. (6), p. 41.

colocar a
ordem alfabética

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

1. FRAMER, Sônia. Dilemas da prática. RJ: Dois Pontos, 1986.
2. FEIL, Iselda T. S. Alfabetização: Um desafio novo para um novo tempo. Petrópolis (RJ): Vozes, 8^{ed.} X
3. FERREIRO, Emília. Reflexões sobre alfabetização. SP: Cortez, 2^{ed.} X, 1987
4. FERREIRO, Emília. Alfabetização em processo. São Paulo: Cortez, 3^{ed.} X, 1987.
5. POEL, Maria Salete Van de. Alfabetização de adultos - Sistema Paulo Freire: Estudo de um caso num presídio. Petrópolis (RJ): Vozes, 1981.
6. LEITE, Sérgio A. da Silva. ^vAlfabetização: uma proposta na
^va escola pública. In Cadernos de Pesquisa (Fundação Carlos Chagas), nº 52, fevereiro de 1985.
7. LEITE, Sérgio A. da Silva. Alfabetização e Fracasso escolar. São Paulo: EDICON, 1988.
8. Sérgio Sérgio A. da Silva. Preparando para a alfabetização. São Paulo: EDICON, 2^{ed.} X, 1985.
9. LEITE, Sérgio A. da Silva. Alfabetização: Um Projeto bem sucedido. São Paulo: EDICON, 3^{ed.} X, 1985.
10. FERRARI, Alceu. ^vAnalfabetismo no Brasil: Tendência secu-

lar e avanos recentes - Resultados preliminares. // In
Cadernos de Pesquisa (Fundação Carlos Chagas), nº 52 X
fevereiro de 1985. p. 35-51.

11. POPOVIC, Ana Maria. // Enfrentando o fracasso escolar. // Revis X
ta Ande, ano 1, nº 02, 1981, p. 17-23.

12. KRAMER, Sônia. // Diferentes significados da alfabetização. X
// Revista Ande, nº 10, ano 5, 1986. p. 35-41.

*Críticas de
ordem alfabética*

BIBLIOGRAFIA GERAL

1. KRAMER, Sônia. Dilemas da prática. RJ: Dois Pontos, 1986.
2. FEIL, Iselda T. S. Alfabetização: Um desafio novo para um novo tempo. Petrópolis (RJ): Vozes, 8ª ed.
3. FERREIRO, Emília. Reflexões sobre alfabetização. SP.: Cortez, 2ª ed. 1987.
4. FERREIRO, Emília. Alfabetização em processo. São Paulo: Cortez, 3ª ed. 1987.
5. POEL, Maria Salete Van de. Alfabetização de adultos - Sistema Paulo Freire: Estudo de um caso num presídio. Petrópolis (RJ): Vozes, 1981.
6. LEITE, Sérgio A. da Silva. Alfabetização: uma proposta para a escola pública. In Cadernos de Pesquisa (Fundação Carlos Chagas), nº 52, fevereiro de 1985.
7. LEITE, Sérgio A, da Silva. Alfabetização e Fracasso escolar. São Paulo: EDICON, 1988.
8. LEITE, Sérgio A. da Silva. Preparando para a alfabetização. São Paulo: EDICON, 2ª ed. 1985.
9. LEITE, Sérgio A. da Silva. Alfabetização: um projeto bem sucedido. São Paulo: EDICON, 3ª ed. 1985.
10. FERRARI, Alceu. Analfabetismo no Brasil: Tendência secular

e avanços recentes - Resultados preliminares. In Cadernos de Pesquisa (Fundação Carlos Chagas), nº 52, fevereiro de 1985, p. 35-51.

11. POPOVIC, Ana Maria. Enfrentando o fracasso escolar. Revista Ande, ano 1, nº 02, 1981, p. 17-23.
12. KRAMER, Sônia. Diferentes significados da alfabetização. Revista Ande, nº 10, ano 5, 1986, p. 35-41.
13. SOARES, Gilda Menezes Rizzo. Fundamentos e metodologia da alfabetização. RJ: F. Alves, 2ª ed. 1983.
14. FERREIRO, Emília. Os processos da leitura e escrita: novas perspectivas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
15. BITTENCOURT, Myriam Fonseca. Alfabetização ... uma aventura para a criança. Florianópolis: EDEME, 1981.

